



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MÁRCIO MOREIRA BRASIL

SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA & ESCOLA:
implicações n@ internet e a orientação sexual

JOÃO PESSOA – PB

2014

MÁRCIO MOREIRA BRASIL

**SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA & ESCOLA: implicações n@
internet e a orientação sexual**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof^o Dr. Ricardo Olímpio de Moura

JOÃO PESSOA – PB

2014

B823s Brasil, Márcio Moreira

Sexualidade, Adolescência & Escola: implicações n@ internet e a orientação sexual [manuscrito] : / Márcio Moreira Brasil. - 2014. 53 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Olímpio de Moura, Departamento de Educação".

1. Educação sexual 2. Orientação sexual 3. Adolescência 4. Sexualidade I. Título

21. ed. CDD 306.76

MÁRCIO MOREIRA BRASIL

**SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA & ESCOLA: implicações na
internet e a orientação sexual**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 22/11/2014.



Prof.º Dr. Ricardo Olimpio de Moura /UEPB

Orientador



Prof.º Ms. Geraldo Eduardo Guedes de Brito / UFPB

Examinador



Prof. Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho / UEPB

Examinador

DEDICATÓRIA

Aos profissionais que desejam ampliar e construir novas
perspectivas frente às temáticas da sexualidade.DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer superar obstáculos e me fazer forte.

Aos meus pais, por todos os ensinamentos da vida, pelo apoio incondicional, onde sempre estiveram presentes nos momentos de necessidades, para que eu pudesse me dedicar à construção desse trabalho.

Aos meus irmãos, que sempre estão me incentivando, mostrando que vencer pode ser difícil, mas não impossível.

A minha namorada Caroline, pelo amor, respeito, dedicação e incentivo.

Aos meus grandes e verdadeiros amigos, que a todo o momento pude contar com a ajuda deles.

A todos que fizeram parte de minha história, contribuindo para a construção do meu caminho.

Aos professores Eduardo Guedes e Ricardo Olímpio, por suas contribuições ao trabalho em suas leituras e sugestões.

À escola por abrir as portas, pelo acolhimento e aos adolescentes que participaram da pesquisa, pois contribuíram para que o trabalho pudesse ser consolidado.

"Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo."

(Michel Foucault)

RESUMO

A sociedade contemporânea sujeita às constantes mudanças impostas por novas tecnologias cada vez mais sofisticadas vem aos poucos sofrendo transformações culturais e de valores. A Internet possibilita aos adolescentes uma nova configuração na forma de pensar, expressar e se relacionar. No que se refere à sexualidade, tais transformações implicam em novas maneiras de se relacionar, buscar informações, originando novas demandas ao contexto escolar. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo caracterizar os estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual no que se refere à sexualidade e à influência da internet neste contexto. O estudo é do tipo transversal, com metodologia quantitativa e qualitativa, utilizando a análise do conteúdo, abordagem proposta por Bardin (2012). Os resultados apresentam uma compreensão diversificada, entendida como uma questão pessoal relacionada à orientação sexual e afetiva que envolvem o conceito de sexualidade, que vai além do aspecto biológico. Entende-se que este estudo pode trazer contribuições para os profissionais que atuam no espaço escolar a partir da observação de como os adolescentes vivenciam suas experiências sexuais, assim proporcionando uma melhor concepção acerca da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Internet. Adolescência. Escola. Orientação Sexual.

ABSTRACT

The contemporary society subject to constant changes imposed by new technologies increasingly sophisticated is slowly suffering cultural values and transformations. The Internet allows teens a new configuration in thinking, expressing and in their relationship. With regard to sexuality, such changes imply new ways of relating, seeking information, creating new demands on the school context. Therefore, this study aimed to characterize the students of the 3rd grade of High School at a public state school with regard to sexuality and the influence of the internet in this context. The study is cross-sectional, with quantitative and qualitative methodology, using a content analysis, approach proposed by Bardin (2012). The results show a diverse understanding, understood as a personal matter related to sexual and affectional orientation that involve the concept of sexuality beyond the biological aspect. It is understood that this study can help professionals working at school from the observation of how adolescents perceive their sexual experiences, thus providing a better understanding of sexuality.

KEYWORDS: Sexuality. Internet. Adolescence. School. Sexual Orientation.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	09
1	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1.1	BREVE PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA.....	11
1.2	ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE.....	18
1.3	GÊNERO E SEXUALIDADE.....	20
2	EMERGÊNCIA DA SEXUALIDADE NO MUNDO VIRTUAL.....	23
3	OBJETIVOS.....	25
3.1	OBJETIVO GERAL.....	25
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	25
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	26
4.1	TIPO DE ESTUDO.....	26
4.2	TÉCNICA DO ESTUDO.....	26
4.3	SUJEITOS DE ESTUDO.....	27
4.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	27
4.5	IMPLICAÇÕES ÉTICAS.....	28
5	RESULTADOS.....	29
6	DISCUSSÃO.....	33
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	44
	APÊNDICE A – Questionário aplicado com os alunos.....	50

APRESENTAÇÃO

Atualmente a sociedade vivencia a era das conexões. Com a origem e desenvolvimento do computador e das novas tecnologias pode-se observar que comunicar e buscar informações vem se tornando uma atividade cotidiana em qualquer lugar do mundo. Sendo assim, pode-se pensar que a sociedade atualmente se caracteriza como sendo a sociedade da informação, cujos indivíduos estão conectados com o mundo e em contato direto com as novas tecnologias.

A contemporaneidade está imersa nas mediações feitas através das novas tecnologias, principalmente por conta da internet. Nesse novo contexto, o homem vivencia através das novas criações da realidade virtual, a possibilidade de vivenciarem novas formas de relacionamentos, comunicação, busca de conhecimentos e das manifestações de sua sexualidade.

Tais acontecimentos vêm afetando as culturas, os comportamentos e as formas de relacionamento. Essas transformações que vêm ocorrendo no mundo devido às novas tecnologias, através da comunicação digital, promovem importantes alterações na forma como o homem vem expressando a sua sexualidade no cenário virtual.

Nesse sentido, o referido contexto promove novas demandas para a escola permitindo que esta necessariamente elucubre sobre aspectos da sexualidade na adolescência requerendo uma reflexão acerca da orientação sexual que vem sendo proposta às escolas.

O interesse pelo referido tema surgiu da observação das mudanças que estão ocorrendo na sociedade e da necessidade de se investigar sobre a sexualidade nos novos meios de comunicação eletrônica, na era tecnológica, permitindo compreender a respeito do cenário da virtualidade e as implicações que estas trazem para o contexto escolar.

O trabalho monográfico se divide em três momentos sendo o primeiro capítulo responsável por abordar a sexualidade, fazendo um breve percurso mostrando como

o ser humano, em determinados momentos marcados na História, sofreu influências na formação e compreensão sobre a sexualidade.

O segundo capítulo, aborda a sexualidade e adolescência e sua importância para a construção da personalidade do indivíduo, caracterizando os momentos desta etapa e a iniciação sexual. Depois, partindo para uma leitura acerca do conceito de gênero, como se dão as construções do masculino e feminino na sociedade e a importância que a escola tem nesse período de formação de seus educandos.

Por fim, consideramos alguns aspectos sobre o surgimento do mundo virtual na contemporaneidade e as contribuições tecnológicas que possibilitam o ser humano a vivenciar relacionamentos a distância, buscar informações, favorecendo a expressão da sexualidade e as implicações que estas trazem para a humanidade.

Desta forma, o referido trabalho monográfico tem o intuito de contribuir para a compreensão do tema da sexualidade e o mundo virtual, visualizando a maneira como os adolescentes se relacionam e vivenciam suas experiências sexuais e assim, auxiliar na prática pedagógica da escola.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Discorrer sobre a sexualidade humana não é uma tarefa nada fácil, pois a mesma possui uma história bastante significativa. De acordo com a época em que ela for estudada encontraremos suas verdades, seus mitos e suas nuances próprias que talvez não sejam pertinentes para época seguinte, embora essas questões possam estar perpetuadas nas representações sociais contemporâneas.

Devido à abrangência do tema, é necessário que se faça uma delimitação do mesmo com vistas a alcançar os objetivos do presente trabalho monográfico. Nesse sentido, para uma melhor compreensão das questões da sexualidade, é necessário que se reconstrua um breve caminho histórico acerca do tema para se compreender como a sexualidade foi definida pela cultura.

1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA

A cultura tem importante papel na constituição do indivíduo. O meio social em que o homem vive contribui para formar sua sexualidade (RESSEL; GUALDA, 2003), para que ele consiga seus objetos de desejo e viva sua sexualidade, no que se refere aos seus desejos, às fantasias e às formas de obter prazer.

A maneira como uma sociedade vive sua sexualidade está intimamente atrelada à relação social que ela estabelece. O sexo, desde a Antiguidade, é considerado como algo importante e inerente à natureza humana. Os mitos mostram a valorização que era dada ao ato sexual (HIGHWATER, 1992). Freud (1908) afirma que a maneira como a sociedade lida com a sexualidade tem relação direta como os mitos de origem abordam a sexualidade.

A história da cultura sexual pode ser resgatada desde a origem, o aparecimento e a evolução do *homo sapiens* (130 a 200 mil anos atrás), o que não implica dizer que antes deles não havia sexualidade nas civilizações. Segundo Duarte e Christiano (2012), no período Paleolítico (2 milhões a.C. até 10 mil a.C), havia indícios de manifestações diversas da sexualidade humana, como pinturas,

esculturas e gravuras nas cavernas, em que se apreciava o corpo feminino. Com o passar do tempo, o homem pré-histórico foi desenvolvendo a caça, agricultura e a escrita e, paralelamente a isso, a relação entre o homem e a mulher sofreu transformações que implicam alterações na forma de se relacionar. Através do contato entre diferentes tribos, surgiram regras sobre a prática sexual, como, por exemplo, a proibição do incesto, a respeito de cuja prática se pensava que poderia desenvolver crianças com problemas físicos, impossibilitando de se ter relações sexuais com membros do mesmo clã. Assim, o incesto surgiu como um dos primeiros tabus da humanidade (DUARTE; CHRISTIANO, 2012). Iniciou-se, então, a instituição das regras para se viver em grupos sociais e o entendimento do significado de família. Era preciso que se procurasse um parceiro fora de seu clã, com quem se relacionar e constituir a própria família.

Por volta de 4.000 a.C. – 500 a.C., na Antiguidade Oriental, o casamento era poligâmico e passou por algumas modificações, porquanto era permitido ao homem relacionar-se com várias mulheres. Depois, houve uma passagem do casamento poligâmico para o monogâmico, devido ao fato de o homem não conseguir mais sustentar várias esposas. Ainda assim, o homem mantinha o direito de possuir escravas e concubinas (BUDAL, 2004), o que significa dizer que a poligamia ainda não teve seu fim.

Na Grécia Antiga, havia diversas práticas sexuais, como a homossexualidade e a pederastia¹, que era vista como algo natural e tinha seu valor na sociedade, pois visava transformar o rapaz em um cidadão capaz de assumir responsabilidades e de tornar-se sábio, passando através do contato corpo a corpo e pela relação sexual, um saber precioso. Na Roma Antiga, a preocupação com os atos sexuais não tinha uma relação direta com os valores morais. Assim, os indivíduos manifestavam sua sexualidade direcionada a si mesmos, sem considerar as consequências de seus atos e os vínculos com o Estado, só pensavam nos próprios interesses e pouco se preocupavam com as normas, os códigos de conduta e as regras (BUDAL, 2004).

¹Relação homossexual que se dava no relacionamento amoroso entre um adulto – *erastes* - (amante) e um jovem - *eromenos* (amado). Tinha como finalidade transmitir conhecimentos do *erastes* ao *eromenos*. Para os gregos, era normal o paradigma da educação masculina, a *paideia* (educação), que só se realizava pela *paiderastia* (amor a meninos). (CORINO, 2006).

Em Roma, era permitida a monogamia, que correspondia a uma poligamia de fato. Através de relacionamentos fora do casamento era que o romano se satisfazia sexualmente, porquanto a função da esposa era de reproduzir uma prole de casta idêntica ao *pater*², enquanto que a concubina tinha como função primeira assegurar o prazer (GRIMAL, 1991 apud DIAS, 2004).

Pode-se pensar em alguns fatores da história da humanidade que contribuíram para que a sociedade se tornasse monogâmica. Uma delas seria a que já nos referimos - o tabu do incesto - que fazia com que as pessoas não se relacionassem entre o mesmo clã, instituindo o sentido de família. Outro fator que se pode pensar é o religioso, através do Cristianismo. Por influência da bíblia, em que se faz referência a Adão e Eva, que são unidos numa só carne, e a norma de multiplicação da espécie, segundo a qual todas as criaturas vivas crescerão e multiplicarão. Este é o papel do casal: “*Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a*”³.

Segundo Foucault⁴ (1988), no Oriente, foi desenvolvida a *ars (arte) erótica*, na qual “a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência, não por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido [...]” (p.57). Isso era bem próprio de civilizações como Roma, a Índia e a China, onde se buscavam no saber sobre o prazer formas de ampliá-lo - um saber de dentro, cuja verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber.

Na Idade Média, no Ocidente, apareceu a *scientia sexualis* - a ciência sexual, em que Foucault (1998) se utilizou da confissão para produzir o discurso da verdade científica. Os ocidentais são levados a confessar tudo, expor seus prazeres, uma obrigação internalizada. Há uma relação de poder, em que aquele que confessa se expõe, produz um discurso sobre si mesmo, enquanto o que ouve interpreta o discurso e o domina. Desde então, a verdade é estabelecida como fruto da confissão, e o sexo, como objeto dessa verdade.

² Legítima herdeira de um patrimônio

³ Gênesis 1, 28; 2, 24

⁴ (1926-1984) Filósofo francês do século XX, um dos grandes pensadores da contemporaneidade que muito contribuiu para o estudo da sexualidade

[...] a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na avalia-a e intervém para julgar, punir [...] (FOUCAULT, 1988, p. 61)

Conforme Foucault (1988), desde a Idade Média, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade. Para a Igreja, a confissão era uma forma de se produzir verdade, durante a qual as pessoas eram obrigadas a falar pormenores de sua vida, inclusive as de ordem sexual. Essa forma imposta pela Igreja de se falar, principalmente, sobre o sexo despertou nas pessoas um prazer em saber sobre a sexualidade, alimentado pela vontade de saber. Essa, porém, não era uma forma de falar tão espontânea e aberta, pois havia certa censura nas palavras. Entretanto, tal censura não impediu que os assuntos relacionados à sexualidade fossem manifestados, ao contrário, contribuía para que fossem descobertos.

No período do Cristianismo, influenciado pela Igreja, as manifestações de ordem sexuais eram impedidas. Desejar o sexo era pecado, havia uma forte repressão imposta em relação à sexualidade. Na Idade Média, a Igreja tinha certo controle sobre as ações da sociedade. Na religião cristã, a conduta sexual era totalmente dirigida, visto que os fiéis aprendiam que o reino dos céus só lhes seria garantido se seus comportamentos estivessem totalmente atrelados às normas da Igreja (BUDAL, 2004).

No Século XVIII, havia um crescente puritanismo, em que o sexo era visto como uma prática exclusivamente para fins reprodutivos. O casamento continua monogâmico, e os atos de masturbação e as relações homossexuais passaram a ser considerados um pecado (CANO; FERRIANI, 2000). Para Foucault (1988), mesmo com essa repressão, a sexualidade não deixou de estar presente na sociedade e não houve um silenciamento de tais práticas sexuais. Surgem outras maneiras de compreender a sexualidade, como pelo ponto de vista político, econômico e racional e através das áreas de conhecimento científico.

Nessa fase de repressão sexual, o sexo era concebido exclusivamente como função reprodutora e o casal procriador passou a ser o modelo vigente (FOUCAULT, 1988). Outras maneiras de práticas sexuais sem fins reprodutivos eram compreendidas como anormais. (CECCARELLI; SALLES, 2010). Entretanto, ao mesmo tempo, conforme tais conteúdos de ordem sexual latente se manifestam através de formas “não aceitas” na sociedade, em lugares como nas casas de prostituição tinham como objetivo satisfazerem as necessidades dos homens, já que seus prazeres sexuais não eram atendidos por suas esposas, garantindo assim a “estabilidade” do matrimônio.

Ceccarelli e Sales (2010) afirmam que o casamento passou a ter uma nova concepção, que compreendia o instinto sexual como algo imprescindível, que deveria ser controlado para ser reutilizado em favor da sociedade, algo semelhante ao processo de sublimação⁵. Não era mais possível pensar o sujeito sem o sexo, o que iria ser chamado de “sexualidade” no final do século XIX.

O Iluminismo coloca a questão das relações entre o instinto e a vontade, e entre o desejo e a virtude de uma forma totalmente nova, sem o moralismo que, até então, lhe era próprio. O homem não é mais entendido como um ser guiado pelos instintos mas, antes, como um ser civilizado capaz de conter-se, no que for necessário, para um valor maior: a sociedade [...] (CECCARELLI & SALLES, 2010, p. 19-20).

No Século XIX, começou a haver mais preocupação relacionada ao sexo, quando a sociedade, de maneira geral, vivenciava diversos conflitos, como a frigidez, a impotência, a perversão e a histeria. No fim desse século, Freud seguiu em busca da etiologia das neuroses. Em seus estudos e investigações com as histéricas, ele deu um esclarecimento sobre a etiologia psíquica da histeria e, paralelo a isso, sobre as principais descobertas da Psicanálise. Nesse período, a

⁵ Tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

compreensão e o pensamento acerca da sexualidade foram bastante influenciados por essa Ciência (GARCIA-ROZA, 2000).

Em meados do Século XX, começaram a surgir vários movimentos que influenciaram na forma de viver a sexualidade, como os movimentos hippies, da liberação feminista e o homossexual. Nesse momento, a sociedade da comunicação começou a se desapegar dos valores que boicotavam como se obter o prazer. A mídia, por meio de seus veículos - rádios, revistas, cinemas - e, logo mais, nos anos 50, com a chegada da televisão no Brasil, expunha as pessoas a novas formas de afetividade (BORGES, 2006).

Nos anos 60, o movimento hippie pregava a liberdade sexual, o desprendimento das coisas materiais, o desenvolvimento espiritual, mas esse sem estar relacionado à religião. Assim, a pílula anticoncepcional veio como uma via para as mulheres se liberarem da obrigação de ter relações sexuais, com o intuito de procriar e permitiu a erotização de seus corpos. Essa era uma forma de saberem diferenciar a vida sexual da maternidade (CECCARELLI; SALLES, 2014).

No Brasil, o movimento de libertação homossexual surgiu no final da década de 1970, mas, a partir da década de 1990, foi que o movimento procurou ressaltar os direitos pela legalidade jurídica de sua união e pela possibilidade das pessoas de orientação homossexual fazerem a adoção (BUDAL, 2004). Verifica-se que muitas conquistas foram alcançadas, e isso levou as pessoas a uma suposta “liberdade sexual”, que ainda permanece arraigada de repressões, tabus e preconceitos. Todos esses valores estão impregnados em nosso inconsciente, devido à herança cultural, à moral sexual, produzindo o discurso do que é normal ou patológico (CECCARELLI; SALLES, 2014), impossibilitando ao homem viver o gozo satisfatório de sua sexualidade. No texto “*Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*”, Sigmund Freud (1908, p. 103) afirma que “uma das óbvias injustiças sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual [...]”.

O estudo e a compreensão sobre a sexualidade humana ainda é uma tema ainda carregado de tabus, mitos e preconceitos (MOIZÉS; BUENO, 2010), o que conseqüentemente continua sendo um desafio à sociedade, pois esta por diversos

fatores ao longo da história relacionou o tema aos fatores biológicos (LOURO, 2000), negando-lhe as influências históricas, culturais e sociais, que a constituem.

Foucault (1988) reconhece a sexualidade como um dispositivo histórico, em que ela foi construída culturalmente.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1988, p.100).

A sexualidade é algo constituinte e estruturador na personalidade do sujeito (FREUD, 1905) e está diretamente relacionada à sua identidade social (LOURO, 2000). A cultura em que o sujeito está inserido é o que produzirá sua sexualidade. Baseia-se no momento histórico em que está inserido, nos laços familiares, na escola e nos demais espaços sociais. Portanto, a sexualidade humana é uma invenção social, histórica e cultural, que se constitui através dos “discursos que normatizam e instauram saberes, que produzem “verdades””. (LOURO, 2000, p.6).

A sexualidade é construída através de inúmeras aprendizagens e práticas, ocorre nas mais distintas situações e é cultivada de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sempre incompleto. Escola, família, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008). A sexualidade pode ser compreendida como algo inerente à natureza humana, que está presente no sujeito desde o nascimento até a morte, para além do biológico, do corporal e do sexual. Nela há a (in) consciência, a intencionalidade, é a própria existência do indivíduo que se dá, efetivamente, por meio das relações sociais e da cultura.

Ceccarelli (2013), que muito tem contribuído para o estudo da sexualidade na contemporaneidade, em entrevista dada ao *blog “BlogSouBi”*, traz uma importante compreensão acerca da sexualidade, afirmando que esta não possui sexo e que ninguém nasce homossexual ou heterossexual. “A história de vida é que vai

identificar a sexualidade. Essa constituição da identificação se o indivíduo gosta de homem ou mulher acontece em torno dos sete anos e se concretizará na adolescência”.

1.2 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

A Organização Mundial da Saúde (OMS) compreende a adolescência entre o período de 10 e 19 anos e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (Eisenstein, 2005). Pode ser compreendida como o período entre a infância e a idade adulta, sendo caracterizada por alterações no desenvolvimento biopsicossocial.

Biologicamente seu início é marcado pela aceleração no crescimento, tonicidade muscular, maturação e fortalecimento do sistema ósseo e pelo início do desenvolvimento sexual; No que se refere ao aspecto psicológico é indicado por uma aceleração do crescimento cognitivo e na constituição da personalidade do sujeito; na perspectiva social, é sinalizada por um período de preparação intensa para o futuro papel de um jovem adulto.

Até meados do século XVIII não existia um conceito bem definido acerca da adolescência (ARIÈS, 1986 apud AVILA, 2005). Nesse período havia um entendimento apenas da infância e a passagem desta para a vida adulta, ou seja, a adolescência era “atropelada” e enxergada como a etapa da própria infância. No século XIX foi onde houve a consolidação e o entendimento do termo adolescência.

A adolescência constitui-se em uma vivência fundamental na constituição da identidade do sujeito, atravessada por mudanças, remodelamentos subjetivos, transformações somáticas, ressignificações de diversas ordens (JORDÃO, 2008). Implica necessariamente no processo de desconstrução do infantil, permitindo assim que o indivíduo estruture a sua personalidade.

Ferrão e Poli (2014) falam que nesse período da adolescência há um trabalho psíquico muito intenso que pode ser muitas vezes caracterizado pela rebeldia tipicamente manifesta, mas que esta tem origem na tentativa da elaboração do luto diante a perda dos pais da infância, do corpo infantil e o real do sexo, onde há uma

mudança de posição diante dos pais. Nesse momento da elaboração dos lutos e no reconhecimento da mudança de posição em relação aos pais, são simbolizados os ritos de passagem próprios da adolescência, dando desenvolvimento para o surgimento da sua própria identidade, assim assumindo posteriormente o seu papel social.

Nesse período da adolescência há o aparecimento da sexualidade, que tem papel de extrema relevância nessa etapa da vida, sendo um elemento estruturador na identidade do sujeito (Brêtas; Silva, 2005). Devido às mudanças corporais surgem os interesses advindos da sexualidade do sujeito, havendo investimentos ao outro parceiro (a), o despertar para o conhecimento da vida sexual, do prazer, da masturbação e na busca de conhecimentos e informações acerca do tema.

Brêtas (2008) afirma que a adolescência caracteriza-se por diversas transições, sendo a passagem à sexualidade com parceiro (a) a de maior repercussão. Entretanto o despertar da sexualidade, contudo, não se restringe àquele puramente genital, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal e de impregná-lo pela cultura sexual do grupo, que se acelera na adolescência e na juventude. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual.

Nesse contexto, observa-se que há uma iniciação sexual muito precoce entre adolescentes na atualidade, ocasionando preocupação entre os pais, educadores, profissionais e órgãos da área da saúde, em conseqüência muitas vezes pela falta de informação e do conhecimento devido acerca das formas de se prevenir. O início da vida sexual é marcado pelas expectativas que são geradas em torno dela, nas quais são de grande importância, pois são fundamentais nesse momento em que está sendo construída a sexualidade do adolescente, etapa essencial em seu desenvolvimento (ALTMANN, 2007).

Em virtude das influências sociais e culturais através das multimídias nas quais os adolescentes estão expostos, muitos terminam absorvendo informações superficiais acerca da sexualidade. Há muito material produzido sobre o assunto, mas de caráter informativo, pouco é produzido e veiculado. Consequentemente

promovem um olhar superficial e preconceituoso sobre as práticas sexuais, orientação sexual, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, prazer e outros assuntos compartilhados entre os adolescentes (Miguel; Tonelli, 2007).

Um estudo realizado por Borges e Schor (2005) verificou que a primeira relação sexual entre os adolescentes ocorre em média aos 15 anos de idade, não sendo significativa a diferença entre a idade média de início da vida sexual entre homens e mulheres, ressaltando que as mulheres iniciaram a vida sexual com parceiros (as) mais velhos (as) mais que os homens. É interessante analisar essa iniciação sexual entre homens e mulheres numa mesma faixa etária. Na cultura ocidental tradicionalmente ocorre o estímulo significativo aos homens terem logo o início a sua vida sexual.

Tal comportamento relacionado às práticas sexuais, um destaque pode ser dado como relação às transformações que vem ocorrendo em decorrência da liberdade sexual que as mulheres alcançaram, com a utilização dos métodos contraceptivos, na desvinculação do pensamento do ato sexual à reprodução, no aumento da escolarização a inserção da mulher no mercado de trabalho. (BORGES; SCHOR, 2005).

Altmann (2007) em sua pesquisa com adolescentes percebeu que os homens não construíam grandes expectativas em relação à primeira relação sexual, mas se mostravam apreensivos para que a ocorresse o mais breve. Já as mulheres, em sua maioria, planejavam esse momento, idealizando o parceiro, de preferência sendo o namorado e como seria a primeira relação sexual.

1.3 GÊNERO E SEXUALIDADE

A utilização do termo *gênero* é de certa forma recente. Sua introdução nas pesquisas de diversas áreas, inclusive a psicologia, deu-se na segunda metade do século XX, quando eclodiram os movimentos feministas. O reconhecimento da diferença da compreensão entre sexo e gênero é importante, pois representa um rompimento com os paradigmas utilizados anteriormente nos estudos científicos. (PRAUN, 2011).

Gênero sexual ao contrário da compreensão que se tem do sexo, no qual é caracterizado pelas diferenças anatômicas e fisiológicas homem e mulher, conforme Louro (2008) o termo gênero sexual está relacionado a uma construção social, marcada pelas diferenças psicológicas, sociais e culturais entre os indivíduos.

A célebre frase da Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, retrata bem o que caracteriza ser gênero sexual. Tal pensamento também envolve ao tornar-se homem. Ser homem e ser mulher constitui-se em processos que acontecem no âmbito da cultura, nada há de puramente “natural” (LOURO, 2008).

O termo gênero pode ser compreendido de diversas formas, dependendo conforme a área de conhecimento a ser analisada. Ceccarelli (2010) compreende que no campo da psicologia o termo está relacionado à identidade de gênero e do papel de gênero para designar o modo que o sujeito vive o gênero ao qual se sente pertencer, e responde aos ideais social e historicamente construídos e atribuídos ao gênero em questão.

A identidade de gênero está diretamente relacionada à maneira como o indivíduo se sente e se apresenta aos outros, independentemente do sexo (biológico) e de sua orientação sexual. Está atrelada a como o sujeito se percebe enquanto masculino e feminino.

Miranda-Ribeiro e Moore (2003); Ceccarelli (2013) compreendem que a identidade de gênero é um dos elementos em elaboração na construção das identidades dos adolescentes. Guacira Lobo (1997) contrapõe-se ao pensamento de que homens e mulheres são biologicamente diferentes e que a relação entre ambos decorre dessa distinção. Demonstra que não são as características sexuais, mas sim, como são representadas e valorizadas essas características na sociedade. O discurso que se apresenta é o que vai constituir efetivamente o que diz respeito ao que é feminino ou masculino. Sendo assim, as identidades de gênero se estabelecem quando os sujeitos se identificam socialmente e historicamente como femininos e/ou masculinos. A constituição das identidades sexuais se dá através das formas como os sujeitos vivem sua sexualidade.

As identidades de gênero estão continuamente se construindo e transformando através das relações sociais, pelos discursos, representações e práticas. Essa construção se dá historicamente e na articulação com as suas histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas etc. (LOURO, 1997).

Em relação à constituição das identidades de gêneros entre homens e mulheres é necessário considerar a relevância na qual as instituições, por exemplo, a escola, a igreja, tem enquanto órgãos normativos e disciplinadores, que inquestionavelmente assumem a função em “moldar” reproduzir, e construir determinados comportamentos padrões, o que implicam diretamente na subjetividade dos sujeitos (LOURO, 2000).

Na escola, particularmente em sala de aula, as crianças desde pequenas são orientadas a (re) produzirem determinados comportamentos categorizados como sendo o que refere ao masculino e feminino. É perceptível uma pedagogia onde fazem uma separação, onde os meninos brincam, fazem grupo das tarefas escolares apenas com os outros meninos e acontecendo o mesmo com as meninas.

Alguns estudos afirmam que é comum entre homens, a proibição sobre a expressão de seus sentimentos, há um tabu instituído acerca do tema, gerando uma espécie de “insensibilidade” nos homens. (LOURO, 2000). O contrário é considerado como do universo feminino, a expressão das emoções, a docilidade. A escola pretende desviar o interesse dos alunos para outros assuntos, adiando, a todo custo, a atenção sobre a sexualidade.

Uma pesquisa desenvolvida com adolescentes (SANTOS, 2009) acerca das representações sociais sobre o feminino e o masculino verificou que as meninas caracterizaram o feminino pela decisão, inteligência, sensibilidade, beleza e cuidado; pelos meninos como: fofoca e indecisão. Para as meninas, o masculino fez referência ao machismo, mulherego, brutalidade, insensibilidade e futebol. Por outro lado, os meninos caracterizaram como: valente, decidido e cuidadoso.

A escola e, não apenas esta é responsável por contribuir na formação da identidade dos sujeitos, sendo necessário que esta vivência escolar aonde muitos vão experienciar seja feita de forma articulada às noções de corpo, gênero e sexualidade.

2. A EMERGÊNCIA DA SEXUALIDADE NO MUNDO VIRTUAL

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a emergência das redes sociais colocam a humanidade diante de um novo caminho a ser seguido. As interações humanas estão, cada vez mais, sendo acomodadas em um novo lugar possibilitado através das novas tecnologias de comunicação que se originam da conexão mundial dos computadores, o *ciberespaço*⁶.

Atualmente a sociedade vive a era das conexões, da informação onde através da internet é possível interagir com todos. A internet possibilita as pessoas em qualquer ponto do planeta poder se integrar à rede através de aplicativos e desfrutar de todo conhecimento gerado e armazenado pela humanidade.

A sociedade contemporânea com o uso da internet proporciona a extensão de várias capacidades naturais do ser humano. Podem-se enxergar os acontecimentos não apenas através dos que os olhos naturalmente não vêem. Pode-se interagir com elas, “tocá-las” em sua realidade virtual, construir o próprio raciocínio não linear na informação, ouvir aquilo que se deseja conversar com quem não se conhece. Essencialmente, é possível interagir com o que e/ou com quem quiser (RECUERO, 2000). A internet vem alterando significativamente o cotidiano das pessoas, com o avanço das novas tecnologias cria-se a possibilidade de novas formas de comunicação o que acarreta em modificações nas relações humanas. Com um número significativo de dados pela rede, com apenas alguns cliques o indivíduo é capaz de acessar um turbilhão de informações.

Swain (2011) afirma que em meio às novas tecnologias, “o espaço virtual, a internet abrem possibilidades infinitas de produção e divulgação do conhecimento, de criatividade e transformação das relações humanas”. Na Internet diferentemente das outras mídias como o rádio, a televisão, o indivíduo compartilha e busca aquilo que é de seu interesse, não existem grades de programação acerca das

⁶ Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. (Lévy, 1999, p. 92-93).

informações. O usuário busca o que é de sua preferência, de acordo com o seu horário, abordagem, temática, assunto.

Para Artuso (2005), as outras mídias levam a informação de forma direcionada de acordo com suas diretrizes. Já a internet caminha num sentido contrário, onde o usuário é quem direciona os seus conteúdos e as informações que busca. Nesse sentido, o ciberespaço oferece condições ao homem para que possa desfrutar, experienciar de diversas formas as suas preferências e interesses, sejam estes de caráter acadêmico, comercial, cultural, relacional, sexual, entretenimento.

Uma das condições oferecidas que o espaço virtual proporciona ao ser humano é a possibilidade de expressar a sua sexualidade, se relacionar sexualmente com outra pessoa ou não, através do computador pela rede. A referida prática é conhecida mundialmente como sexo virtual ou cibersexo.

Na literatura encontram-se diversas definições para o sexo virtual, como a de Noonan (1998 apud MACHADO, 2008) que compreende como sendo a troca via computador de sugestivas ou explícitas mensagens eróticas ou fantasias sexuais, com outras pessoas que estão on-line ao mesmo tempo, verificando-se muitas vezes a masturbação associada às fantasias sexuais.

Hamman (1996 apud MACHADO, 2008), sociólogo britânico identificou o cibersexo de duas formas: (1) masturbação interativa mediada por computador em tempo real, em que os utilizadores trocam na forma de comunicação escrita as instruções e descrições do que vão fazendo um ao outro e a si próprios, enquanto se masturbam; (2) a troca interativa de histórias sexuais que se contam em tempo real com a intenção de obter excitação sexual, e o conteúdo pode ser real ou fantasioso, habitualmente muito detalhado e altamente erótico.

Segundo um estudo feito por Lourdes-Estéves em 2003 (apud BALLONE, 2003), mais de 60% das pessoas que navegam na internet acabam procurando por temas sexuais. São através de imagens, filmes, sites de encontro e salas de bate papo que permitem despertar uma porção de erotismo.

Dados da pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (2008) para compreender sobre a vida sexual do brasileiro mostram que 10,5% dos jovens entre 15 e 24 anos tiveram pelo menos um parceiro sexual que conheceram na internet.

Na faixa etária entre 25 a 49 anos (5,4%) e 1,7% entre as pessoas de 50 a 64 anos. Sendo no total, 7,3% da população brasileira já fizeram sexo com um parceiro que conheceu virtualmente.

Outra pesquisa desenvolvida recentemente, realizada pelo Portal Educacional (2014) *“Este Jovem Brasileiro”* com o objetivo de conhecer o comportamento dos jovens entre 13 e 16 anos de idade, identificou que 22% dos jovens já “ficaram” com outra pessoa, 11% já namoraram e 5% já fizeram sexo com pessoas que conheceram pela Internet; pouco mais de 1% dos pais sabem, embora sejam contra esse tipo de comportamento.

É importante observar que é uma realidade na sociedade contemporânea as pessoas se relacionando através das redes sociais por meio de aplicativos, sites de relacionamentos. Tal fenômeno vem proporcionando aos usuários e tornando-se uma prática comum e habitual, onde os mesmos efetuam um cadastro, editam o seu perfil e exibem seus dados como: opção sexual, interesses, descrição de si próprio, preferências, atividades e entre outras coisas afins. Sendo assim, possível através desses sites de relacionamento o acesso às comunidades, aos grupos onde tanto podem se referir a temas relacionados à sexualidade como a outros temas em geral.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar os estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual no que se refere à sexualidade e a influência da internet neste contexto.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a percepção do conceito de sexualidade dos estudantes da escola estadual;

- Discutir como a temática sexualidade foi trabalhada ao longo da escola;
- Investigar a utilização da internet como um espaço para a prática das vivências da sexualidade.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo do tipo transversal, com metodologia quantitativa e qualitativa. A utilização de métodos combinados não se opõe, mas sim, busca a complementaridade e a integração de informações e resultados (MINAYO, 2010).

O método quantitativo é caracterizado pela objetividade na investigação da causa do fenômeno estudado. Não há o interesse nas questões de ordem subjetiva, com isso existe o controle no exercício da intuição e da imaginação (MARTINS, 2004). Tal objetividade posta garante ao pesquisador uma maior precisão na análise e interpretação do objeto de estudo (BAPTISTA; CUNHA, 2007).

A metodologia qualitativa, ao contrário da quantitativa considera a subjetividade dos sujeitos que são investigados. Caracteriza-se pelo trabalho com as crenças, valores, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993), proporcionando ao investigador uma profundidade nas representações significações do sujeito em estudo. O método qualitativo dá condições mais aprofundadas na análise dos dados através de estudos individuais e /ou grupais (MARTINS, 2004).

4.2 TÉCNICA DO ESTUDO

Para a coleta dos dados foi utilizado um instrumento semi-estruturado auto-preenchido. Foi composto por 18 questões fechadas e 11 questões abertas, relacionadas à caracterização geral dos sujeitos e às formas de se informarem e vivenciarem a sua sexualidade.

Os instrumentos semi-estruturados se caracterizam por possuírem perguntas abertas e fechadas (os quais apresentam possibilidade de respostas). Minayo (2010) compreende que o questionário semi-estruturado combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

Optou-se por utilizar o instrumento auto-aplicado para a coleta de dados, o que permite introduzir aspectos quantitativos na análise do conteúdo bem como organizar as respostas evidenciando os fatores explicativos em uma população situando as posições do grupo estudado (OLIVEIRA 1996 apud MARQUES et al. 2003). O questionário autoaplicado possui facilidade em sua administração, eficiência e economicidade na avaliação de grande número de indivíduos. Apresentam propriedades psicométricas adequadas e permitem aos indivíduos que o respondem revelar um comportamento que, por considerarem vergonhoso, poderia deixá-los relutantes numa entrevista face-a-face (FREITAS et al. 2002).

4.3 SUJEITOS DO ESTUDO

O instrumento foi aplicado ao universo de estudantes de 3 turmas do 3º ano do turno da tarde de uma escola estadual da cidade de João Pessoa, PB, totalizando 73 sujeitos.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise qualitativa dos dados referentes à questão “Para você, o que é sexualidade?” do instrumento que buscou apreender a concepção de sexualidade pelos entrevistados, utilizou-se a técnica de análise do conteúdo proposta por Bardin (2012), definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A análise do conteúdo foi conduzida por um olhar interpretativo dos dados, seguindo os seguintes passos de análise (BARDIN, 2012):

- 1- Leitura dos materiais;
- 2- Identificação e comparação das idéias e sentidos de cada resposta;
- 3- Definição dos núcleos de sentido (significados atribuídos pelos sujeitos);
- 4- Criação de hipóteses interpretativas.

A entrada de dados, o controle de qualidade e o processamento dos dados quantitativos dos instrumentos foram realizados utilizando-se o programa de domínio público Epi Info TM, versão 17. Para a construção dos resultados da amostra foram calculadas as respectivas frequências (prevalências) das variáveis de interesse entre os subgrupos (sexo).

4.5 IMPLICAÇÕES ÉTICAS

A realização da pesquisa foi autorizada pela direção da escola. Foi mantido o anonimato do local de realização da pesquisa bem como das respostas dos sujeitos, conforme prevê a Resolução do Conselho Nacional de Saúde referente à realização de pesquisas envolvendo seres humanos.

5 RESULTADOS

A média de idade dos sujeitos foi de 18,1 anos ($dp=1,1$), com predominância do sexo feminino, de orientação religiosa católica e evangélica e que se declararam heteroafetivos, conforme pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1 – Características dos sujeitos ($n=73$), João Pessoa, 2014.

	<i>n</i>	%
Sexo		
<i>Feminino</i>	51	69,8
<i>Masculino</i>	22	30,1
Religião		
<i>Católica</i>	33	45,2
<i>Evangélico</i>	27	37,0
<i>Sem Religião</i>	11	15,0
<i>Espírita</i>	1	1,4
<i>Outra</i>	1	1,4
Orientação sexual		
<i>Heteroafetiva</i>	71	97,2
<i>Homoafetiva</i>	1	1,4
<i>Biafetiva</i>	1	1,4

Dos 73 sujeitos, 52 deles (71,2%) responderam a questão aberta “Para você, o que é sexualidade?”. A partir da análise qualitativa desta pergunta, apreendeu-se a percepção dos adolescentes deste estudo sobre a concepção de sexualidade.

Foi possível observar, conforme ilustram as transcrições a seguir, que a sexualidade foi entendida como uma questão pessoal, relacionada à realização de práticas sexuais definidas pela orientação sexual de cada indivíduo, que vão para além do prazer físico, envolvendo também sentimentos e emoções.

Significado de sexualidade:

- Questão pessoal/subjetividade/identidade:

“A personalidade que cada um tem”.

“É a parte que define o que você é, e também algo muito importante que devemos valorizar”.

“Aquilo que nós somos”.

- Orientação sexual:

“É o tipo de orientação relacionada ao sexo de cada pessoa”.

“Definição de opção sexual, ou seja, escolher de qual gênero gostar”.

“É o que define minha vida sexual”.

- Sentimentos/afetividade:

“Quando pensamos sobre as nossas sensações sentimentos, e emoções”.

“Trocadas de amor, carinhos”.

Na tabela 2 são apresentados os resultados relacionados à experimentação da sexualidade pelos adolescentes, tanto no mundo real quanto no virtual. A prática do sexo virtual foi declarada pela maioria dos estudantes (76,7%), percentual bem superior à da prática do sexo real (42,5%). Não foram verificadas diferenças importantes entre as prevalências dos adolescentes do sexo masculino e feminino no que se refere a já ter tido relação sexual real e já ter namorado ou ficado com parceiros que conheceu pela internet. Porém, a prevalência de relações sexuais reais frequentemente e de sexo virtual foi maior entre as mulheres.

Tabela 2 - Experimentação real e virtual da sexualidade (n=73), João Pessoa, 2014.

	Feminino		Masculino		Total		
	n	%	n	%	n	%	
Já teve relação sexual real?							
	<i>Sim</i>	22	43,0	9	41,0	31	42,5
	<i>Não</i>	29	57,0	13	59,0	42	57,5
Mantém relação sexual real frequentemente?							
	<i>Sim</i>	16	31,4	3	13,6	19	26,0
	<i>Não</i>	35	68,6	19	86,4	54	74,0

Já tinha namorado/ficado com alguém que conheceu pela internet

<i>Sim</i>	20	39,2	9	41,0	29	39,7
<i>Não</i>	31	60,8	13	59,0	44	60,3

Já havia feito sexo virtual?

<i>Sim</i>	41	80,4	15	68,2	56	76,7
<i>Não</i>	10	19,6	7	31,8	17	23,3

No que se refere ao papel da escola na abordagem da sexualidade, os resultados apontam que 94,5% dos estudantes tiveram acesso a práticas escolares relacionadas ao tema, sendo por meio de palestras a forma mais frequente e de maneira mais incipiente, por atividades desenvolvidas em sala de aula. As principais informações recebidas através da escola foram relacionadas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e gravidez na adolescência, indicando 48% dos alunos. Outros tipos de informações recebidas indicam que 19% recebem acerca da orientação sexual, preconceito.

Tabela 3 - A abordagem da sexualidade pela escola (n=73), João Pessoa, 2014.

	<i>n</i>	%
A sexualidade foi abordada pela escola?		
<i>Sim</i>	69	94,5
<i>Não</i>	4	5,5
Como foi a abordagem da sexualidade pela escola?		
<i>Palestras</i>	46	67,6
<i>Sala de aula</i>	21	31,0
<i>Outros</i>	1	1,4
Quais as informações você recebeu na escola?		
<i>Prevenção de DST e gravidez</i>	35	48,0
<i>Orientação sexual, preconceito e homofobia</i>	14	19,0

A análise da busca por informações sobre sexualidade extra-muro da escola no ambiente familiar e virtual apontou que as adolescentes se interessam mais sobre o tema. Aproximadamente metade dos sujeitos já havia discutido temas relacionados à sexualidade no ambiente familiar. A internet foi utilizada como fonte de informação por 35,6% dos estudantes, referentes à prevenção de DST e gravidez (37%) e a relação sexual em si (11,0%). A tabela 4 elucida este cenário.

Tabela 4 - Busca de informações acerca da sexualidade fora da escola ($n=73$), João Pessoa, 2014.

		Feminino		Masculino		Total	
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Busca informação?	<i>Sim</i>	38	74,5	13	59,0	51	70,0
	<i>Não</i>	13	25,5	9	41,0	22	30,0
Já havia conversado com pais/familiares	<i>Sim</i>	26	52,0	10	45,5	36	48,6
	<i>Não</i>	25	48,0	12	54,5	37	51,4
Busca informações na internet?	<i>Sim</i>	19	37,3	7	31,8	26	35,6
	<i>Não</i>	32	62,7	15	68,2	47	64,4

6 DISCUSSÃO

Verificou-se no estudo que há um maior número de mulheres que homens na faixa etária de 16 a 21 anos. O referido resultado corrobora com dados do IBGE (2010) analisados pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), apontando que as mulheres passam mais tempo na escola que os homens. Tal acontecimento pode-se inferir pelo aumento das mulheres no mercado de trabalho, em decorrência da competitividade a alcançarem o emprego levando as mulheres a valorizarem o estudo. Outro fator é a saída precoce da escola de jovens da população masculina, que saem para o mercado de trabalho, mas sem qualificação, apenas com o Ensino Fundamental completo ou incompleto.

Os dados referentes à religião indicam que a maioria dos estudantes se diz participar de algum grupo religioso, em primeiro os católicos e em seguida os evangélicos. Não há uma diferença muito significativa entre os dois grupos religiosos. Dados do Censo de 2010 confirmam que há um crescimento no número de evangélicos no país, como também os que não possuem religião, em decorrência disto o número de católicos vêm diminuindo.

A sexualidade é um processo dinâmico que se constrói e aprende que integra o desenvolvimento da personalidade, intervindo no processo de aprendizagem, na saúde mental e física do sujeito. Brêtas e Silva (2005) afirmam que a sexualidade é uma manifestação psicoafetiva individual e social que transcende a base biológica (sexo) e sua expressão é normatizada pelos valores sociais vigentes. O desenvolvimento da sexualidade dos adolescentes é influenciado, conduzido pelas referências que são impostas na sociedade, na família, na escola, nos grupos e por eles próprios. Percebe-se que a sociedade ocidental rege-se por uma heteronormatividade. Esta se fundamenta no discurso sobre a biologia humana, de modo a naturalizar os corpos e a relação sexual (LIONÇO; DINIZ, 2008) objetivando regular e normatizar a maneira de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade (PETRY; MEYER, 2011).

Observou-se que alguns adolescentes compreendem o conceito de sexualidade, como foi observado no estudo, como sendo uma “opção” sexual e

como esta vai demarcar a sua escolha para se relacionar com outra pessoa. Verifica-se que tal (*in*) compreensão denota uma formação precária do conceito, representando assim um contexto preocupante no que se refere à orientação sexual e a forma como os conteúdos são trabalhados, apesar da pouca produção de material informativo aos adolescentes acerca do tema, grande importância é dada aos meios de comunicação, incluindo a televisão e a internet na atualidade, para sua formação (MAROLA et al., 2011). Há uma carência de bons materiais midiáticos sobre sexualidade direcionados ao público adolescente (MIGUEL; TONELLI, 2007).

Por outro lado compreendem o sentido da sexualidade como um processo constitutivo e histórico do sujeito ao afirmarem que é a razão da existência e identidade do sujeito, e como esta se manifesta através da maneira como se vive as questões de aspecto íntimo, considerando as questões em que está inserido. A sexualidade é compreendida como uma experiência subjetiva. É uma experiência pessoal e única marcada fortemente pela cultura em que cada pessoa está imersa, na qual vive. (RESSEL; GUALDA, 2003).

No estudo foi observado que a sexualidade representa para os adolescentes a troca de carinhos, amor e de afetos e na maneira de ser de cada sujeito, que vai de acordo com os pensamentos de Brêtas e Silva (2005), em que a sexualidade nas suas diversas maneiras de ser expressa reflete sempre, de modo único e singular, a individualidade de cada sujeito. E assim, transcende a concepção de reprodução, procriação, anatomia e fisiologia. É preciso que o respectivo discurso na escola se apresente de forma a desmistificar tais representações, dando voz ao que muitas vezes é relegado como a compreensão numa perspectiva atrelada ao prazer, ao amor, ao carinho e à afetividade.

Um aspecto significativo observado no estudo foi o papel da escola sendo um espaço de intervenção, promovendo o debate, levando a discussão referente ao tema. A maior parte dos adolescentes passa seu tempo na escola, onde é um campo fértil para as relações sociais e seu contato com o mundo. Para Beraldo (2003) trabalhar orientação sexual nas escolas é preciso levar em conta três aspectos fundamentais: transmissão de informações de maneira verdadeira; a eliminação do preconceito e a atuação na área afetivo-emocional.

A escola enquanto espaço social e instituição que pedagogiza o corpo tem papel fundamental na (des) construção da compreensão sexualidade dos adolescentes. Brêtas e Silva (2005) compreendem que predominante o modelo de educação sexual vigente é aquele cujo educador tenta eliminar sua própria sexualidade, e espera-se que sufoque também a sexualidade dos educandos. Compreende-se que o professor em sala de aula pode muitas vezes (re) produzir um discurso em que tentam normatizar comportamentos, julgar o que é certo ou errado, normal ou anormal. Sendo esse processo construído através da própria vivência e imaginário do professor, pelo material pedagógico que se utiliza e como este conceitua e compreende a sexualidade, sendo na maioria das vezes pela instância biológica, e pela própria dificuldade em que o educador encontra ao lidar com temas relacionados à orientação sexual. Moizés e Bueno (2010) afirmam que o professor não precisa ser necessariamente um especialista em educação sexual, mas um profissional informado que reflita sobre e seja capaz de criar na sua prática pedagógica de maneira contextualizada formas estratégicas de informação, debate de ideia e reflexão.

Foi observado no estudo que os garotos e as garotas já experimentaram o sexo real de maneira igualitária. Diferentemente da ideia antes concebida em que os homens tinham uma iniciação sexual mais precocemente, hoje se pode observar que há um equilíbrio. Um estudo desenvolvido por Borges e Schor (2005) com adolescentes na mesma faixa etária também se observou da mesma forma o início na vida sexual em ambos os sexos. Tal fenômeno relacionado às garotas iniciarem cada vez mais precocemente a relação sexual pode estar atrelado à entrada das mulheres no mercado de trabalho, ao aumento da escolarização e ao uso dos métodos contraceptivos, desvinculando a prática sexual à reprodução e as DST's, principalmente a AIDS. Outro fator que também pode está relacionado é a pressão que seus namorados as impõem para iniciarem a vida sexual, assim evitando que os garotos procurem outras parceiras (BORGES; NAKAMURA, 2009).

Ainda assim, observou-se que as garotas permanecem mantendo relações sexuais frequentemente, ao contrário dos garotos, que tiveram a sua iniciação sexual, mas que esta não permanece por um período constante. Pode-se relacionar

acontecimento pelo fato de que as garotas têm seu início na vida sexual com seus namorados e permanecem com estes. Já os garotos, ao contrário iniciam sua prática sexual em geral com uma amiga e não estendendo o relacionamento (TAQUETTE; VILHENA; PAULA, 2004). O fato que pode representar tal fenômeno é que as mulheres estão fortemente sujeitas a um modelo tradicional em que vinculam sexo ao amor e a um envolvimento afetivo. As idealizações das garotas considerarem a primeira relação sexual estando em um relacionamento amoroso que perdure (ALTMANN, 2007).

Os adolescentes se utilizam das novas tecnologias para se comunicar no mundo virtual, observou-se que uma elevada prevalência destes jovens já tiveram a vivência do namoro virtual e praticaram o sexo virtual. Este é um fenômeno novo presente na sociedade contemporânea. O fato dos adolescentes já terem se encontrado pessoalmente alguém que só haviam conhecido pela internet pode ser um indicador de que a internet ajuda a ampliar as possibilidades de conhecer novas pessoas, mas também pode revelar uma exposição a situações de vulnerabilidade caso não sejam tomados os cuidados adequados (UNICEF, 2013). A possibilidade de conhecer novas pessoas, expressar conteúdos da sexualidade no espaço virtual indica um aspecto positivo nesse sentido, mas por outro lado estes adolescentes podem estar vulneráveis aos riscos pertinentes à internet. Nesse aspecto, se faz necessário a escola trabalhar o determinado tema em sua prática pedagógica, uma vez que tais conteúdos referem-se intimamente às questões dos adolescentes da atualidade. Necessariamente a escola deve acompanhar e abordar o tema em sala de aula de forma atrelada ao contexto no qual os adolescentes estão inseridos.

Observou-se que as garotas praticaram o sexo virtual mais do que os garotos. Pode-se considerar que há um maior número de garotas fazendo parte da amostra. Outro fator seria com relação à frequência que foi observada com que as garotas mantêm um relacionamento sexual com alguém, havendo a possibilidade de também vivenciarem tal relacionamento no espaço virtual. Outra hipótese que pode ser levantada é a de que com a internet há a possibilidade do anonimato, gerando a sensação de liberdade na rede, diminuindo assim a sua inibição e timidez podendo então se expressar de uma maneira menos reprimida. Outro fator observável é que

inegavelmente há atualmente pelo advento da internet uma nova forma de vivenciarem os primeiros sinais da vida sexual.

Surge uma nova demanda à escola onde os alunos estão inseridos na internet expressando as vivências de sua sexualidade, da descoberta sexual, e que necessariamente a escola precisa estar conectada a tais acontecimentos.

Verificou-se que a escola, onde os adolescentes frequentaram, os educadores trabalharam o tema da sexualidade em sala de aula através de palestras. Pode-se levantar a hipótese de que as escolas ainda não trabalham o tema de maneira transversal, não discutindo com as outras áreas de conhecimento e colocando o professor ou profissional da área ainda como sendo o detentor do conhecimento, não inserindo estes adolescentes como protagonistas e permitindo expressarem suas ideias e pensamentos. Observou-se no estudo que os grandes temas que envolvem a orientação sexual limitam-se à prevenção, ao uso da camisinha e ao estudo acerca das doenças sexualmente transmissíveis. Além destes temas que são relevantes, deve-se abordar a sexualidade com outro viés, não apenas pelo olhar da profilaxia, do risco e colocando também em segundo plano a associação ao prazer e à vida (LOURO, 2008b). Temas como a questão dos direitos sexuais, das questões de gênero, preconceito deveriam ser abordados mais intensamente. Procurando abordar os temas de forma que contemple o currículo abrangendo aos diversos campos de conhecimento, promovendo a troca de informações através de metodologias participativas, discussões, internet, pelas redes sociais, vídeos, como também por meio das manifestações culturais e artísticas. Seria importante que as informações passadas fossem contextualizadas de acordo com a realidade dos adolescentes (SOUSA et al., 2006).

Atualmente no país não há nenhuma lei que obrigue as escolas a inserir a orientação sexual em seus currículos. Entretanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que o assunto seja abordado em todas as disciplinas, sempre que possível. Porém, é importante ressaltar que nos PCNs destinado ao Ensino Médio não há nenhuma menção relacionada ao tema da sexualidade, diferentemente dos PCNs destinados ao Ensino Fundamental que abordam o tema,

mas apenas na perspectiva reprodutiva, profilática de doenças sexualmente transmissíveis.

Foi observado que os adolescentes em sua maioria buscam na internet assuntos relacionados à prevenção, às doenças sexualmente transmissíveis. Será que tal procura na internet pelo tema seria para complementação do que foi abordado na escola ou para cumprir apenas atividades da escola? Ou, ainda, será que o ambiente da escola não está dando conta de tais demandas? Verificou-se também que os garotos buscam na internet conteúdos relacionados à prática do ato sexual, aos sites de imagens e vídeos de pornografia.

Em pesquisa desenvolvida pela UNICEF (2013) foi verificada que não há uma diferença expressiva de gênero com relação à escolha das ferramentas da internet. No geral, as meninas tendem a fazer um uso mais frequente das ferramentas que os meninos. Também observou-se que o ato de buscar informações se constitui como um dos principais usos da internet. A tendência das garotas usarem mais as ferramentas da internet corroboram com o que foi encontrado no estudo, em que estas apresentaram sendo as que mais buscam informações no ambiente virtual. Isso demonstra, a partir dos dados obtidos, que a procura por informações e conhecimentos na internet, no tocante à prevenção de DSTs, gravidez na adolescência e orientação sexual foram mais pertinentes pelas garotas. Pode-se perceber que a ferramenta permite auxiliar a prática pedagógica da escola podendo promover a discussão de temas relacionados aos respectivos temas como elucidar outros assuntos assim como a questão de gênero, homofobia, identidade, entre outros.

Através das novas tecnologias e com o uso da internet é possível se trabalhar de uma nova forma, faz-se necessário que a escola esteja contextualizada com a realidade dos alunos. A internet, através de suas ferramentas, pelas redes sociais atraem os educandos para este novo cenário, navegar, trocar informações, descobrir e compartilhar suas descobertas. Os conteúdos que se apresentam tradicionalmente em sala de aula através de livros, apostilas, lousa e o educador como o que deposita todo o conhecimento, parece que se torna menos interessante aos alunos o que hoje é possível se fazer com a internet. Nesse sentido, o educador deve ser o

intermediador entre a informação e os alunos e vice-versa, possibilitando um compartilhamento de conhecimentos e o manejo de como se deve ser abordada e utilizada tais informações.

Outro aspecto relevante encontrado no estudo foi em relação aos adolescentes também buscarem informações através de seus pais e/ou responsáveis, tanto por iniciativa própria quanto por iniciativa de seus pais. O estudo mostrou que praticamente metade da amostra já conversou com seus pais e/ou responsáveis. O respectivo quantitativo de adolescentes indica que é positivo esse fato, ilustra a abertura para o diálogo e demonstra o cuidado. É de extrema importância essa relação através do diálogo, pois promove a apreensão de conhecimentos e valores que vão constituir na subjetividade do adolescente. O diálogo franco com os filhos pode ser considerado uma estratégia facilitadora para melhorar o processo de comunicação entre adolescentes e família (ALMEIDA; CENTA, 2009). O diálogo é a ferramenta básica no processo de educar para a sexualidade (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Por outro lado, a outra metade que não demonstrou ter esse diálogo com os seus pais também é significativo, pois pode-se pensar que existe uma dificuldade em conversar com os filhos sobre questões da sexualidade. É compreensível esta limitação que os pais possuem devido sua própria história pessoal, aos tabus e preconceitos que estão arraigados na cultura. Diante tal situação é importante que os pais acolham os seus filhos e encontrem uma forma para abordarem o assunto em uma linguagem e manejo adequados e que não objetivem (re) produzir informações equivocadas, pois os adolescentes de alguma forma irão à busca de informações através dos amigos, internet. Assim sendo, faz-se necessária a presença da escola abordar os temas e fazer a aproximação entre eles e a família. A família tem um papel importante na formação sexual dos filhos, oferece uma “educação sexual” de modo assistemático e muitas vezes dogmático que precisa ser reconhecido e dialogado na escola, quando se pretende discutir sobre sexualidade de modo pedagógico (GUIMARÃES, 1995 apud REIS; MAIA, 2012). É responsabilidade do sistema escolar, promover a educação integral da criança e do

adolescente e, portanto, discutir a sexualidade com vista à promoção da Educação Sexual (MOIZÉS; BUENO, 2010).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos e da discussão apresentada, fica perceptível a compreensão que os adolescentes têm sobre a sexualidade como sendo uma questão de ordem pessoal, relacionada às práticas sexuais e a orientação sexual de cada indivíduo, envolvendo a afetividade. Assim sendo é importante fazer com que compreendam o que é sexualidade de maneira mais ampla, podendo ser viabilizada através da escola permitindo que se promova uma postura mais crítica, reflexiva. Outra maneira também é pela possibilidade que se dá através da internet em ampliarem a compreensão do conceito pelas vivências no mundo virtual, como a busca de informações na rede.

A sexualidade com suas normas impostas pela sociedade, construídas historicamente pelo próprio homem, concebeu as práticas sexuais de várias formas. Observou-se que inicialmente o sexo tinha como função somente a procriação, mas que a própria sexualidade toma seu caminho indo a um sentido além dessa ótica biológica. A sexualidade tem suas características próprias pertinentes a cada momento histórico.

Atualmente observa-se que a internet e as novas tecnologias da informação vêm evoluindo intensamente, abrindo um leque de opções e ferramentas que a humanidade dispõe para atender as suas determinadas necessidades. É importante analisar o fato que ocorre num ritmo tão intenso que a internet atinge diversas áreas, como: a ciência, a comunicação e a sexualidade.

Uma evidência clara e comum que acontece no cenário virtual é o sexo virtual, no qual os adolescentes estão interagindo em tempo real com os outros. Percebe-se tal fenômeno na sociedade contemporânea onde existe uma nova forma da humanidade poder expressar, vivenciar conteúdos de sua sexualidade.

Objetivamente há de se considerar que os adolescentes estão imersos nesse novo modo de experienciar suas vivências sexuais, se relacionarem sexualmente com outras pessoas, em busca de informações, na ampliação de seus conceitos e suas perspectivas, o que pode ser fundamental no processo de conscientização de seu corpo e de construção de sua sexualidade.

Percebe-se que as garotas apresentam uma maior incidência pelo uso das novas tecnologias através da internet para vivenciarem novas práticas sexuais, como na busca de mais conhecimentos ampliando as crenças e valores sobre a prevenção das doenças sexualmente transmitidas, na prática contraceptiva e na área da saúde sexual.

Verifica-se que a escola em análise cumpre quase que em sua totalidade diante os resultados obtidos a oferta de conhecimentos aos alunos sobre a sexualidade, porém numa perspectiva reduzida com temas sobre prevenção, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos.

Sabe-se que trabalhar a sexualidade na escola necessita, além disso, trabalhar como se produzem as representações sociais de masculino e feminino na sociedade, a saúde sexual, as questões de gênero, diversidade sexual, tabus, sexo e prazer, orientação sexual (não apenas enxergando a heterossexualidade e sob uma ótica heteronormativa). Ainda assim, diante as transformações culturais e de valores que a sociedade vive é preciso que os educadores também estejam preparados para lidar com essas novas práticas vivenciadas no mundo virtual, não coibindo, mas orientando no uso dessas tecnologias e as implicações que estas causam nos jovens atualmente e que repercutem no ambiente escolar.

É importante se fazer uma análise mais enraizada das representações sociais relacionadas à sexualidade para dá sentido às ações de educação, procurando através de outras formas de se trabalhar os conteúdos em sala de aula, além de palestras, buscando promover pela realidade na qual os jovens estão inseridos uma reflexão, crítica e consciente pautada no diálogo bidirecional para abordar o assunto.

Outro ponto importante também é fortalecer a presença da família no contexto escolar, ampliar o espaço de discussões acerca do assunto com os pais presentes, participando dessa construção social junto aos seus filhos e à escola. A escola é um espaço social onde se permite o convívio familiar e acontece a maioria das vivências na infância e adolescência.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais direcionados ao Ensino Médio deveriam ter essa pretensão em auxiliar os educadores com uma proposta para desenvolverem o tema da sexualidade de forma articulada à realidade num

momento crucial que é o período da adolescência, quando estão iniciando sua vida sexual, constituindo suas crenças e valores. Mas percebe-se que nos PCNs não há nenhuma referência a respeito da sexualidade e da diversidade sexual.

Diante ao que foi exposto é preciso capacitar os profissionais da escola, professores, direção, apoio técnico que lidam diretamente com os alunos com a finalidade de que estes se exonerem de conceitos preestabelecidos, e evitem reproduzir informações equivocadas, julgamentos a respeito do que é certo ou errado. É necessário garantir que a formação aos educadores, que atuam com adolescentes, deve ser direcionada para elucidar as crenças, tabus e mitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta paulista de enfermagem**. vol.22 n.1 São Paulo Jan.- Fev. 2009.
- ALTMANN, H. Educação sexual e primeira relação sexual:entre expectativas e prescrições. (2007) **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 333-356, maio-ago. 2007.
- ARTUSO, A. R. Subjetivação e a educação através da internet. **Educar**, Curitiba, n. 26, p. 115-129, Editora UFPR, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n26/n26a09.pdf>> Acesso em: 03 out. 2014.
- AVILA, S. F. O. A adolescência como ideal social. In: **Simpósio internacional do adolescente**, 2., 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200008&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 05 Out. 2014.
- BALLONE, G. J. **Compulsão à internet, mito ou realidade**. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/voce/internet.html>> Acesso em: 06 out. 2014.
- BAPTISTA, S.; CUNHA, M. (2007). Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas da ciência da informação**, 12, 2,168-184
- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**, 1ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Edições 70, 2012.
- BERALDO, F. N. M. Sexualidade e escola: um espaço de intervenção. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) vol.7 no.1 Campinas Jun. 2003.
- BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. In: **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(2):499-507, mar-abr, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/16.pdf>> Acesso em: 23 out. 2014.
- BORGES, A. L.; NAKAMURA, E. (2009). Social norms of sexual initiation among adolescents and gender relations. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**,17(1), 94-100.
- BRÊTAS, J. R. S. **Os Rituais de passagem segundo adolescentes**. (2008). Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/04.pdf>> Acesso em: 24 set. 2014.
- BRÊTAS, J. R. S.; SILVA, C. V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paulista de Enfermagem**. 2005; 18(3):326-33.

BUDAL, M. H. **A internet como possibilidade para experiências afetivas e sexuais.** (2004). Disponível em: <www.ppgte.cefetpr.br/dissertacoes/2005/Budal.pdf> 2004 Acesso em: 10 set. 2014.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413>> Acesso em: 23 set. 2014.

CECCARELLI, P. R. **A sexualidade não tem sexo.** BlogSouBi. 21 jul. 2013. Entrevista a Amanda C. Disponível em: <<http://blogsoubi.com/2013/07/a-sexualidade-nao-tem-sexo-afirma-psicanalista/>> Acesso em: 01 out. 2014.

CECCARELLI, P. R.; SALLES, A. C. T. A invenção da sexualidade. **Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais**, ano XXXII, 60, 15-24, 2010. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/invensexu.pdf>> Acesso em: 25 set. 2014

_____. A quantas andam o sexual e a sexualidade nos dias atuais? In: Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, XX, 2013, Belo Horizonte – MG. **Estudos de psicanálise**, n. 41, p. 23 – 30, jul. 2014 Belo Horizonte – MG.

CECCARELLI, P. R. Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. In: **Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade** Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.) Florianópolis: Ed. Mulheres, 269-285, 2010. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/psicanalise_e_genero.pdf> Acesso em: 01 out. 2014

CORINO, L. C. P. **Homoerotismo na Grécia Antiga** – homossexualidade e bissexualidade, mito e verdades. 2006. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=10976> Acesso em: 20 set.2014

DIAS, P. B. **A influência do cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na antiguidade tardia.** Ágora. Estudos Clássicos em Debate 6 Universidade de Coimbra, (2004) Disponível em: <<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/casamento.pdf>> Acesso em: 28 set. 2014.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Revista Adolescência e Saúde.** Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, abr-jun 2005.

DUARTE, V.; CHRISTIANO, A. P. **A História da Sexualidade.** (2012). Disponível em:<<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais>>

/ensinofundamental/ahistoriadasesexualidade.pdf>. Acesso em 04 de setembro de 2014.

FREITAS, S.; GORENSTEIN, C.; APPOLINARIO, J. C.; Instrumentos para a avaliação dos transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Psiquiatria** vol.24 suppl.3 São Paulo Dec. 2002

FERRÃO, V. POLI, M. C. Adolescência como tempo de sujeito na psicanálise. In: **Revista Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v.11, n. 2, p. 48-55, abr/jun 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). E.S.B., VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908). In: **A Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GENESIS. **A bíblia**. Disponível em: <www.bibliaonline.net> Acesso em: 22 set. 2014.

GUIMARÃES, M. J. L. **A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade**. Trabalho apresentado no GT "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropologia del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de novembro de 1997. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>> Acesso em: 22 set. 2014.

HIGHWATER, J. **Mito e sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Resultados da Amostra. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 18 out. 2014.

JORDÃO, A. B. Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. **Aletheia**, Canoas, v. 21, n. 1, p. 157-172, jan./jun. 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Revista psicologia política**. vol.8 n.16 São Paulo dez. 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 1.ed. São Paulo:Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008a. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> Acesso em: 01 out. 2014.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.

MACHADO, C. D. M. B. **A sexualidade em tempos de internet**: representações sociais de estudantes do curso de enfermagem acerca da sexualidade feminina. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/1173/1/CI%C3%A1udia%20Dias%20de%20Menezes%20Bronzeado%20Machado%20%E2%80%93%20SEXUALIDADE%20EM%20TEMPOS%20DE%20INTERNET%20%E2%80%93%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20200.pdf>> Acesso em: 06 out. 2014.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. (2011). Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da educação** n.33 São Paulo dez.

MARQUES, S. C.; FRANCISCO, M. T. R.; CLOS, A. C. A identificação da representação social da AIDS a partir da técnica de análise de correspondências múltiplas. **Enfermagem UERJ** 2003; 11:328-36.

MARTINS, H. H. T. S. (2004) Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30,n.2, p. 289-300 maio/ago. 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento** - pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MINAYO M. C. S.; SANCHES, O. (1993). Quantitativo-qualitativo:oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública** 9(3):239-262.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas da população brasileira de 15 a 64 anos de idade**. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2008. Disponível em: <www.saude.gov.br/svs> Acesso em: 02 out. 2014.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; MOORE, A. **Papéis de gênero e gênero no papel**: uma análise de conteúdo da Revista Capricho, 2001-2002. (2003). Belo Horizonte, MG:

Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:
<<http://cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD216.pdf>> Acesso em: 02 out. 2014.

MIGUEL, R. B. P.; TONELLI, M. J. F. Adolescência, sexualidade e Mídia: uma breve revisão da Literatura nacional e internacional. (2007) **Psicologia em Estudo**, 12 (2), 285-293.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista Esc Enfermagem USP** 2010, 44(1) 205-212.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v.10, n.1, p.193 - 198, jan./jul. 2011.

PORTAL EDUCACIONAL. **Este Jovem Brasileiro**. 2014. Disponível em:
<www.editoria.educacional.net> Acesso em: 02 ou 2014.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**. Jan/Fev/Mar/Abr. 2011. N° 1. Disponível em:
<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>>
Acesso em: 30 set. 2014

RECUERO, R. C. **A internet e a nova revolução na comunicação mundial**. Ensaio apresentado como requisito parcial à aprovação na disciplina de história das Tecnologias de Comunicação, ministrada pelo professor Dr. Jacques Wainberg, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), dez. 2000. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm>> Acesso em: 02 out. 2014

REIS, V. L.; MAIA, A. C. B. Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: Um Levantamento Bibliográfico. **Cadernos de Educação Pelotas** [41]: 188 - 207, jan. abril 2012.

RESSEL, L. B.; GUALDA, D. M. R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 37, n. 3, Sept. 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Set. 2014.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342003000300010>.

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

SANTOS, T. C. B. Representações sociais acerca do feminino e do masculino: uma proposta para a co-educação. **XV Encontro Nacional Associação Brasileira de Psicologia Social**, 2009. Disponível em:

<http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/551.%20representa%C7%D5es%20sociais%20acerca%20do%20feminino%20e%20do%20masculino.pdf> Acesso em: 10 out. 2014

SWAIN, T. N. Tecnologias sociais e a construção da diferença sexual. **Mora (B. Aires)**, vol.17, n.1, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, jul. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X2011000100005> Acesso em: 03 out. 2014.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P., & BARROSO, M. G. T. (2006). Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, 19(4),408-413.

TAQUETTE, S. R., VILHENA, M. M., & PAULA, M. C. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: Um estudo transversal com adolescentes do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, 20(1), 282-290.

UNICEF. **O uso da internet por adolescentes**. Brasília, 2013.

APÊNDICE A - Questionário aplicado com os adolescentes

QUESTIONÁRIO

Este questionário é anônimo e confidencial.

Leia com atenção o questionário que se segue e responda com sinceridade a cada uma das questões

Data: ___/___/_____

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____

Série: _____

1- Qual a sua religião?

(1) Católica (2) Protestante/Evangélica (3) Candomblé/Umbanda (4) Espírita
(5) Não Tenho (6) Outra Qual? _____

2- Qual sua definição sexual?

(1) Heteroafetiva: (gosta de pessoa do sexo oposto) (2) Homoafetiva: (gosta de pessoa do mesmo sexo)

(3) Biafetiva: (gosta de pessoa de ambos os sexos) (4) Não sei qual a minha definição sexual

(5) Não quero responder a essa pergunta . Caso marque essa alternativa, qual o motivo?

3- Para você, o que é sexualidade?

4- De que forma você recebe ou busca algum tipo de informação sobre a sexualidade? Onde? Há quanto tempo?

5- Alguma vez conversou com seus pais ou alguém da família sobre sexualidade?

(1) Sim (2) Não (Caso responda “Não” passe para o item 6)

5.1- De quem foi a iniciativa?

(1) Sua (2) De seu pai (3) De sua mãe (4) Dos Pais juntos (5) Tio ou Tia (6) Irmão ou irmã (7) Avós (8) Outros . Qual? _____

5.2- O que achou da conversa? De que falaram?

6- Na Escola você recebe ou já recebeu alguma informação sobre sexualidade?

(1) Sim (2) Não (Caso responda “Não” passe para o item 7)

6.1- Como a sexualidade é/foi abordada na escola?

(1) Através de Palestras (2) Em sala de aula (3) Seminários (4) Outros. Qual? _____

6.2- Quais as informações que você recebeu na escola?

7- Você acessa a internet:

(1) Sim (2) Não

Caso responda “Sim”, qual o local onde você mais acessa?

(1) Em casa (2) Na casa de familiares ou vizinhos (3) Em lan houses (4) Na escola (5) Em locais públicos (ex.: shopping, biblioteca) (6) Outros.

Qual? _____

8- Busca informações acerca da sexualidade pela internet?

(1) Sim (2) Não

Caso responda "Sim", busca que tipo de informação acerca do tema?

- (1) Sobre relação sexual (2) Sobre prevenção (3) Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis. (4) Gravidez (5) Outros.

Qual? _____

9- Já teve relação sexual?

- (1) Sim (2) Não (Caso responda "Não" passe para o item 11)

10- Atualmente tem relações sexuais frequentemente?

- (1) Sim (2) Não

11- Para você, o que é sexo virtual?

12- Você já namorou ou "ficou" (real ou virtual) com alguém que conheceu pela internet?

- (1) Sim (2) Não (Caso responda "Não" passe para o item 14)

Caso responda "Sim", como foi essa experiência:

13- Você já fez sexo (real ou virtual) com alguém que conheceu pela internet?

- (1) Sim (2) Não (Caso responda "Não" passe para o item 14)

Caso responda "Sim", como foi essa experiência:

14- Você acha que o sexo virtual pode substituir o sexo 'real'?

- (1) Sim (2) Não

Por quê?

15- Você já ouviu falar em *cyberbullying* (*bullying* virtual)?

(*Cyberbullying* ou *bullying* virtual é um tipo de violência manifesta por ações repetitivas contra uma pessoa, praticada através da internet ou de outras tecnologias relacionadas, com o intuito de intimidar, hostilizar, insultar ou atacar covardemente por imagens, vídeos ou textos)

(1) Sim (2) Não

16- Já foi vítima de *cyberbullying*?

(1) Sim (2) Não (Caso responda “Sim”, relate como foi essa experiência)

17- Conhece alguém que já sofreu *cyberbullying*?

(1) Sim (2) Não

(Caso responda “Sim”, relate como foi essa experiência e quais as consequências sofridas pela vítima e/ou seus familiares)
